

O HERÓI COMO EXEMPLO MORAL: AS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS E O ANTICOMUNISMO ATRAVÉS DA LINHA EDITORIAL DA BIBLIOTECA MILITAR NO ESTADO NOVO

Priscila Roatt de Oliveira¹

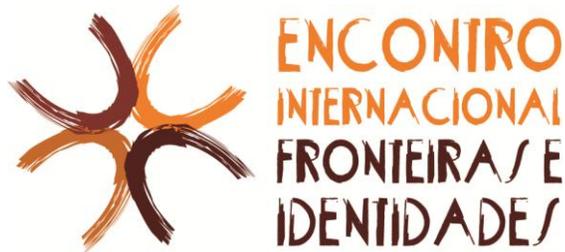
Resumo:

Em 1937, no interior do Exército foi fundada uma editora que buscou divulgar uma historiografia produzida por simpatizantes ou militares. O fundador da linha editorial da Biblioteca Militar, Valentim Benício da Silva recebeu apoio das principais lideranças militares do período e aval do Ministro da Guerra, Eurico Dutra. As obras publicadas pela editora estavam vinculadas as concepções ideológicas de um grupo de militares que ascenderam ao poder durante a era Vargas. Dois temas destacaram-se na produção da Biblioteca Militar: as narrativas biográficas e o anticomunismo. Nesse sentido, busco discorrer sobre como essas narrativas biográficas transformavam as trajetórias dos heróis em exemplos morais. Mas demonstro que a promoção do heróico como forma de identificação pelo Exército, também possuía o seu oposto: o não herói, conceito associado aos comunistas. Ambas possuíam finalidades moralizantes, através do passado buscavam exemplificar os bons e os maus modelos de condutas para soldados do Estado do Novo. Parto das concepções presentes no livro *Em Guarda Contra o Comunismo* (1938), das narrativas biográficas produzidas pela editora do Exército, relacionando essas obras com outros discursos do Exército, relatórios dos Ministros da Guerra e revistas militares.

Esse trabalho visa analisar as obras biográficas dos heróis do Exército escritas pelo militar Valentim Benício da Silva, através da linha editorial da Biblioteca Militar. Os personagens das obras de Silva tiveram atuações importantes dentro do Exército, mas em períodos históricos anteriores ao Estado Novo. Antonio João Ribeiro (1824-1863) e Manoel Luís Osório (1808-1879) foram considerados heróis da Guerra do Paraguai pela Instituição Castrense. Luís Alves Lima e Silva, o Duque de Caxias (1803 -1880) foi cultuado dentro das Forças Armadas como o “pacificador” das revoltas do período regencial no Império. Três desses indivíduos foram lembrados pelas suas atuações como militares durante o Império, exceto Floriano Peixoto (1839-1895) que ficou reconhecido pelo golpe Republicano de 1889.

Estudos de Adriana de Souza e Celso Castro já demonstraram a utilização simbólica dos heróis pelas Forças Armadas. Adriana de Souza discorreu sobre a utilização das imagens dos

¹ Universidade Federal de Santa Maria, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História, Bolsista Capes, email: priscilaroatt@gmail.com



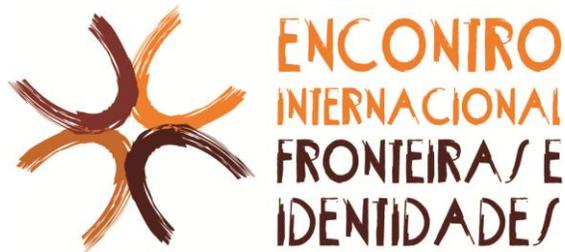
heróis do Exército, Manoel Luís Osório e Luís Alves Lima e Silva, na primeira República. Para Souza, a comemoração desses dois heróis ocorreu através de implantação de estátuas e comemorações cívicas na cidade do Rio de Janeiro. Adriana de Souza (2001) afirmou que através do culto aos heróis do Exército, os militares republicanos buscaram idealizar as forças armadas como representante do povo em armas. Principalmente a representação de Manoel Luís Osório simbolizou a união dos civis e dos militares, pois tal personagem histórico cresceu em uma família menos abastada e não tinha formação em uma academia de oficiais do Exército.

Celso Castro (2001, p.18) demonstrou que a utilização da imagem de Luís Alves Lima e Silva foi sendo modificada durante os governos de Getúlio Vargas. No ano de 1930, nas comemorações do dia do soldado, o Estado passou a enfatizar a fusão das Forças Armadas com a nação, mostrando Caxias como um lutador pela integridade e unidade da pátria. Já em 1937, com um maior fechamento do governo, a imagem de Duque Caxias passou a ser evocada pela sua autoridade e suas qualidades a serviço de um governo forte.

Mesmo que os outros heróis militares tenham tido um papel secundário dentro do Exército comparado a figura de Luís Alves Lima e Silva, eles eram cultuados dentro dessa instituição. Nenhum dos trabalhos historiográficos citados analisou a construção da memória de Floriano Peixoto, Antonio João Ribeiro e Manoel Luís Osório no Estado Novo. Esse estudo sobre as narrativas biográficas dos heróis do Exército no Estado Novo poderia ser uma contribuição para essa temática militar.

A opção por estudar a historiografia produzida por Silva durante o Estado Novo se dá em função de sua posição no interior do Exército e sua vinculação com a Biblioteca Militar. Valentim Benício da Silva (1883-1958) foi fundador da linha editorial da Biblioteca Militar em 1937. Nesse período, a editora funcionava como um órgão do Exército tendo a finalidade de divulgar obras de conteúdos militares, como educação moral do soldado, história institucional, geografia, entre outros temas.

Através dos dados apresentados anteriormente, ou seja, sua posição dentro do Exército, sua relação com as principais autoridades militares e sua produção historiográfica significativa, ressalto a importância de estudar a trajetória e obras de Valentim Benício.



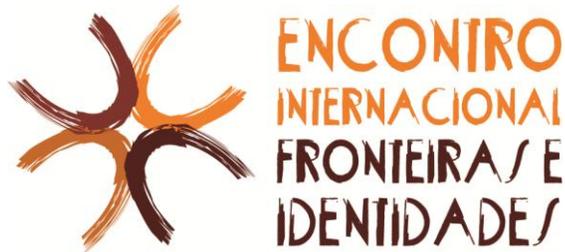
As principais fontes utilizadas nessa pesquisa são biografias sobre os heróis do Exército, foram selecionadas quatro obras escritas por Valentim Benício da Silva no Estado Novo, Antonio João (1938), Osório: na infância, na adolescência, na família, na imortalidade (1939), Caxias (1939) e Floriano, sua vida, seu nacionalismo, sua glória (1940). Como referencial teórico e metodologia serão adotados as pressuposto de Michel de Certeau sobre escrita historiográfica.

Segundo Michel de Certeau, toda pesquisa histórica estaria vinculada a um lugar de produção, que pode ser social, político e cultural, uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados. Para Certeau, esse lugar de produção determina os métodos e os documentos que serão utilizados na escrita historiográfica.

Uma vez que Valentim Benício da Silva estava vinculado ao Exército e à linha editorial da Biblioteca Militar, a pesquisa pretende analisar como essas duas instituições militares influenciaram a escrita biográfica de Valentim Benício da Silva no Estado Novo. Primeiramente através da comparação das obras de Silva com outras obras históricas da editora do Exército, em segundo momento será analisada a relação dessa historiografia com discursos produzidos pelos militares no período (relatórios do Ministério da Guerra, Anais do Exército, artigos da Revista Nação Armada, Revista Militar Brasileira).

Para Certeau devemos analisar a historiografia como uma operação que combina um lugar social (meio, profissão, recrutamento), práticas científicas (conjunto de regras que controlam a forma de escrever a história) e a escrita (literatura produzida). Em um trabalho que visa analisar fontes historiográficas, todos esses elementos: profissão do historiador, instituições que produzem e divulgam a história, procedimentos de pesquisa, formas de escrita e narrativas são essenciais para compreender a função da história dentro da sociedade ou para certos grupos como os militares.

A editora do Exército divulgava uma série de textos de historiadores militares e civis. Os livros escritos por Valentim Benício da Silva não podem ser compreendidos sem uma comparação com as obras de seus colegas historiadores. Conforme Certeau, uma obra de valor histórico é reconhecida pelos pares (outros historiadores) estando ligada a um meio, no qual certas pesquisas e produções são permitidas ou não possíveis de execução.



Para Valentim Benício da Silva e demais historiadores da linha editorial da Biblioteca Militar, o passado heróico da instituição castrense era um exemplo para os soldados do Estado Novo. Segundo Reinhart Koselleck (2006, p. 42-50), a concepção da história como mestra da vida iniciou com os primeiros historiadores gregos e tinha a finalidade de mostrar o passado como um exemplo para homens do presente. Para esse teórico, essa perspectiva historiográfica concebeu a história como depositária das múltiplas experiências humanas, nas quais os homens realizavam apropriações com objetivo pedagógico de repetir o sucesso ou evitar os erros do passado.

François Dosse (2009, p.406) definiu que a história mestra da vida servia como uma inspiração para o leitor pelo caráter exemplar do personagem erigido como santo ou herói. Segundo Temístocles Cezar (2003), nessa concepção de história os homens comuns são chamados para observar a grandeza dos atos heróicos dos grandes indivíduos, sendo os primeiros passivos e os segundos agentes ativos da história. Essa assimetria entre ativos e passivos não correspondia apenas uma contemplação, mas sim uma atitude de inserção cultural, quando os sujeitos comuns imitam os atos “nobres” e a boa conduta dos heróis.

Nas biografias de Valentim Benício da Silva foram recorrentes as representações dos heróis do Exército, como legalistas (leais ao Exército). O autor difundiu ideologicamente um modelo de bom soldado associado ao profissionalismo, patriotismo e não utilização das armas para ações partidárias e individuais. Tal biógrafo militar resignificou as imagens dos “grandes militares” conforme os valores difundidos pelo Exército no Estado Novo, que estavam presentes não apenas na historiografia da editora militar, mas também em diversos discursos e documentos da alta cúpula do Exército.

A linha editorial da Biblioteca Militar surgiu em contexto de anticomunismo nas forças armadas, o primeiro volume da editora (1938), foi o livro em Guarda Contra o Comunismo, que continha diversos artigos contrários a essa ideologia. Após os levantes comunistas de 1935, o Exército intensificou a desqualificação do movimento, o intitulando de intentona, nomenclatura que sugeriu uma ação desorganizada. Além disso, foi instituído o culto das vítimas que lutaram contra as insurreições. Os militares comunistas que participaram das ações foram perseguidos, considerados traidores pelo governo e as forças armadas.



A historiografia da Biblioteca Militar difundiu esse pensamento anticomunista, juntamente com ideal de bom soldado associado à legalidade e o afastamento da política. Nesse contexto, os heróis foram representados como soldados que mesmo sofrendo perseguições, influenciados por terceiros a utilizarem os seus prestígios militares para fins políticos, nunca traíram o Exército. O comportamento heróico valorizado era a lealdade, a negação em utilizar o meio militar como instrumento político.

Ao valorizar esse aspecto da vida dos heróis, Valentim Benício da Silva estava difundindo, através da história, exemplos morais para as tropas do Estado Novo, demonstrando que a traição era algo inaceitável, assim como subversão das ordens dos superiores por motivos políticos.

A partir do Estado Novo a corrente próxima ao governo conseguiu tornar-se hegemônica dentro da instituição militar e seus aliados buscaram impor suas ideologias para o restante da corporação e reprimir tendências contrárias. De todas as manifestações políticas intituladas de exóticas e estrangeiras, o comunismo era a ideologia mais temida e reprimida no interior do Exército.

Os discursos do livro, *Em Guarda Contra o Comunismo*, buscaram desqualificar e criar uma imagem negativa dos comunistas. Para os autores o comunismo seria um retorno ao primitivismo e barbárie, o fim da civilização ocidental. Em um dos artigos, Bastos Tigre caracterizou os ataques da ALN como ataques diabólicos e infernais, exemplos da selvageria primitiva e da bestialidade humana. Criou-se uma imagem do inimigo como não humano, como bestas irracionais. O esquecimento deliberado da condição de ser humano dos comunistas permitiu não só a perseguição desses indivíduos, como uma justificativa para a brutalidade que foi utilizada pelo governo e as instituições repressoras da sociedade no combate ao comunismo.

O culto das vítimas que lutaram contra as ações da Aliança Nacional Libertadora era outro elemento que buscava desqualificar o comunismo. O livro *em Guarda Contra o Comunismo* relatou a criação de um projeto de construção de um monumento em “memória dos mortos que lutaram pela pátria” durante a “Intentona Comunista”. Em uma matéria da *Revista a Defesa Nacional* de 1945, ocorreu todo um relato da cerimônia cívica em homenagem aos mortos da “Intentona” no cemitério São Batista. Os soldados mortos foram descritos como indivíduos que sacrificaram a vida em defesa das principais instituições da sociedade. Ao contrário dos



comunistas, esses indivíduos foram lembrados como exemplos de patriotismo. Os comunistas traidores eram modelos da barbárie causada por uma ideologia, enquanto os heróis vítimas da “Intentona” eram exemplos dos indivíduos que lutaram pela pátria e pela civilização.

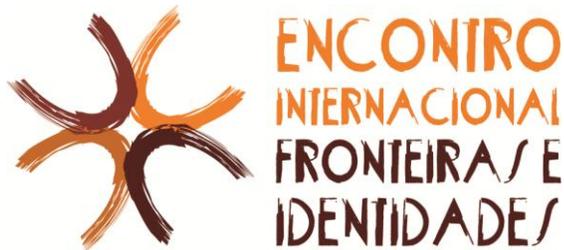
No Estado Novo, o culto das vítimas da “Intentona Comunista” e permitiu criar dentro do Exército um clima de solidariedade (COELHO, 1976, p. 76). A idéia de um inimigo comum e a necessidade de honrar os soldados que morreram em prol dessa missão permitiu a solidariedade entre os militares. O ressentimento que surgiu em torno das ações dos comunistas criou um clima de união dentro de uma instituição que na década anterior estava fragmentada em diversos grupos políticos.

Como afirma Pierre Ansart, o ódio depois de manifestado cria uma solidariedade afetiva que, extrapola as rivalidades internas, permite uma coesão, uma forte identificação de cada um com seu grupo (2005, p. 22). Nas disputas políticas, ódio comum possibilita o esquecimento das querelas internas e assegura a união. As conceituações negativas dos comunistas permitiram uma união em torno da necessidade de afastar esses elementos nocivos do Exército e da sociedade.

A missão do Exército tornou-se intervir quando necessário na política. No relatório do Ministro da Guerra de 1937, o militar Eurico Dutra afirmou que a instituição castrense tem de ser a guardiã da unidade federativa, da ordem, do progresso e da soberania nacional. Em outra parte do documento ministerial, ele afirmou a necessidade do Exército ser equipado para momentos que a razão deve ser imposta pelas armas.

No relatório do ano seguinte, 1938, Dutra reafirmou essa ideia ao mencionar que o governo sempre contará com apoio do Exército quando elementos nocivos ameaçam subverter a ordem e integridade da pátria. Mas não era qualquer soldado que poderia liderar uma intervenção no governo, Eurico Dutra em outro documento ministerial afirmou que somente a alta hierarquia do Exército e o Ministério da Guerra poderiam intervir na política quando necessário.

De forma sincrônica, as obras produzidas pela Biblioteca Militar enfatizavam a subordinação e o respeito às hierarquias militares. As narrativas biográficas de tal editora ressaltaram na trajetória dos heróis do Exército suas condutas legalistas. Em diversas passagens dessas obras os biógrafos enfatizaram as escolhas desses indivíduos manterem-se leais ao Exército.



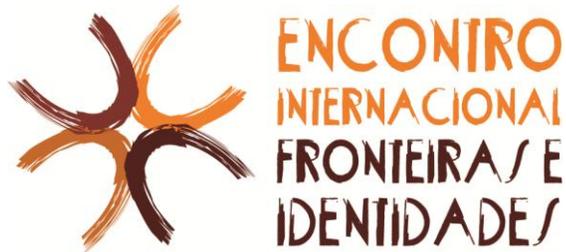
Exemplo desse discurso foram biografias escritas por Valentim Benício da Silva e Onofre Gomes Muniz sobre Manoel Luís Osório, militar que atuou na Guerra do Paraguai. Tais biógrafos militares em diversos momentos das duas obras buscaram representar Manoel Luís Osório como indivíduo que apesar de todas as dificuldades da carreira militar, nunca se rebelou contra a corporação castrense, foram recorrentes as diversas passagens sobre sua conduta legalista e os sacrifícios que realizou em nome da profissão. Na passagem abaixo, o autor Onofre Muniz relatou um momento que Osorio foi incentivado por amigos a protagonizar uma insurreição contra o Império:

Essa reunião tornou-se memorável porque foi nela que o grande soldado concitado por civis de significação intelectual, moral e política a hipotecar suas influências militares da Província para resistirem pelas armas, si preciso fosse, repeliu a impatriótica incitação revolucionária com a declaração de bronze: a minha espada, que desembainhei nos campos da Guerra para defender a Pátria e a ordem, nunca desembainharei no meio da paz para derramar o sangue de meus compatriotas. Edificante! (MUNIZ, 1938, p. 36)

A escrita de Manoel Luís Osório como legalista nas narrativas biográficas estava em sincronia com os discursos dos Ministros da Guerra. Para o ministro Eurico Dutra, todos os soldados e oficiais estariam fugindo dos seus deveres, quando desviavam de suas ocupações militares por competições políticas e partidárias. As narrativas biográficas de Manoel Luís Osorio buscavam idealizar um modelo de bom soldado, que seria o indivíduo que apesar de todas as dificuldades oriundas da carreira militar, respeitava a hierarquia e as ordens dos seus superiores.

Para Reinhar Koselleck, as denominações que os indivíduos usam nas suas vidas cotidianas expressam suas identidades e suas relações com outras pessoas. Algumas palavras expressam reconhecimento mútuo, outros significados depreciativos e outras que provocam o não reconhecimento. Nas definições das identidades coletivas existem conceitos que visam incluir e excluir certos membros ou grupos. Os conceitos empregados pelos grupos sociais representam a busca por unidade na ação política e a formação de identidades políticas na sociedade (2006, p.191-193)

Assim heróis e não heróis dentro das narrativas biográficas de Valentim Benício da Silva representam concepções de identidades dos militares dentro da sociedade. Ao mesmo tempo em



que classificaram as ações corretas e erradas dentro da corporação castrense, esses conceitos dividiram binariamente os personagens históricos, entre os bons e os maus soldados.

Os heróis devem ser copiados, como modelos de virtudes, ao contrário dos traidores que recebiam como punição a expulsão do Exército. Dentro dessa perspectiva não existe a possibilidade de analisar a rememoração do herói sem compreender as concepções não heróicas, ambas estavam interligadas na formação de identidades dos soldados. Como afirma Koselleck, os conceitos indicam, criam e caracterizam unidades de ações, assim os conceitos utilizados por grupos representam comportamentos sociais, não apenas elementos lingüísticos e textuais.

A imagem do herói legalista exemplificava que o bom soldado era o indivíduo que respeitava as ordens dos superiores, que não utilizava o Exército como um meio político. Em contrapartida, a representação do traidor, visava demonstrar que certos comportamentos ideológicos e partidários não eram aceitáveis dentro das Forças Armadas.

Referências

CASTRO, Castro. *A invenção do Exército*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 2007.

CEZAR, Temístocles. Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX. *Métis: história e cultura*, Caxias, n.03, jan/jun de 2003, p.73-94

DOSSE, François. *O Desafio biográfico*. São Paulo: USP, 2009.

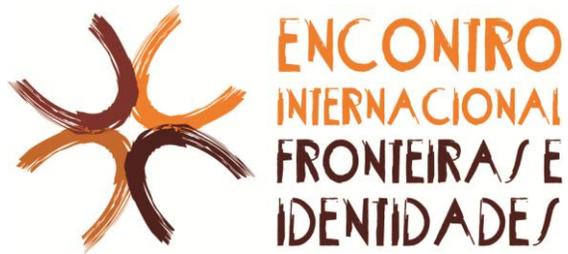
KOSELLECK, Reinhard. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2006.

SILVA, Valentim Benício. *Antonio João*. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1938.

_____. *Caxias*. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1939.

_____. *Em guarda contra comunismo*. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1938.

_____. *Osório na infância, na adolescência, na família e na imortalidade*. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1939.



_____. *Floriano Peixoto, sua vida, seu nacionalismo e sua glória*. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1939.

SOUZA, Adriana Barreto de. Osório e Caxias: os heróis militares que a República manda guardar. *Revista Varia História*, Belo Horizonte, nº 25, jul. 2001.